

A RECONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE ATRAVÉS DA FICÇÃO DE EÇA DE QUEIRÓS

Aluna: Fernanda Cascão Barreto

Orientadora: Izabel Margato

Introdução

Nos anos 60 o engenheiro Fontes Pereira –que dominou por 35 anos a cena política portuguesa- dá início a uma série de transformações que culminam numa modernização de Portugal e, conseqüentemente, em uma aproximação não só geográfica, mas também ideológica entre esta e os demais países do eixo europeu.

O encontro com a modernidade que chegava a Portugal através dos caminhos de ferro e telégrafos causa nos portugueses uma espécie de sentimento de atraso mediante a inevitável comparação.

“O que chegava de trem não pôde ser reduzido à categoria da ‘últimas novidades da Europa’, pois era muito mais do que isso, era um outro modelo de modernidade, marcado por transformações políticas e pela Revolução Industrial que definiam uma nova sensibilidade ou visão de mundo” [2]

O impacto foi enorme para as bases culturais do país. Os jovens de Coimbra ao mesmo tempo faziam uso das novidades que conheciam, das evoluções de pensamento, percebiam a defasagem de sua própria terra, reconheciam sua pertença a um povo marginalizado.

“Assistir-se-á em breve a uma viagem filosófica e cultural e até mental que definirá uma nova geração erguida contra o Ultra-romantismo”. [1]

Esta “viagem filosófica” influenciou drasticamente aos estudantes dos anos 70 vindos de Coimbra e, posteriormente, nomeou-se Geração de 70- sendo Eça um de seus representantes mais significativos.

Com esta geração surge também um projeto sócio-cultural que englobava entre seus principais focos o estudo de todas as idéias e correntes do século, a investigação da sociedade na sua realidade e na sua idealidade, ligação de Portugal com o movimento moderno, o estudo de condições que transitavam entre a política, economia, a cultura e até a religião na sociedade portuguesa.

O grande diferencial da geração de 70 tornou-se, justamente, o seu ponto de partida- que não usa a sua deficiência para importar simplesmente a forma moderna de viver. O que buscava Eça de Queirós e os outros estudantes galgava-se numa construção tijolo por tijolo da modernidade em sua sociedade a fim de que fosse construída enfim a modernidade portuguesa.

Nesse contexto dá-se o início da ficção de Eça e seu importante papel dentre estes pensadores. Um escritor que buscou, ao escrever a sua época através de uma visão realista, delinear os vãos entre a sociedade portuguesa de seu tempo com os resíduos do ultra-romantismo experimentado e, a sociedade como deveria ser, moderna.

Surge este estudo do escritor e do intelectual na sociedade. Eles, que em todas elas possuem o poder nato de pensá-las e olhar com os olhos, às vezes distanciadamente críticos, e noutras ativamente inflamados. Esses olhos, mesmo que em diferentes perspectivas, influenciam a criação e o pensamento de um período de tempo e seu papel é traduzi-la até se preciso, mas através de um ser, ele mesmo.

Objetivos

Os objetivos desta pesquisa centram-se em investigar o papel dos escritores e intelectuais na sociedade portuguesa, mais precisamente no Realismo da segunda metade do século XIX, através de Eça de Queirós e principalmente duas de suas principais obras: *O Primo Basílio* e *Os Maias*.- A estética e o conteúdo frente ao início da Modernidade europeia trazida pelas estradas de ferro.

Entender o posicionamento daqueles que fazem uma leitura crítica de meio e da época em que vivem e, até onde influenciam ou influenciaram, não só a própria sociedade, mas tempos posteriores. Investigar o intelectual nesse contexto de comparação e pertença a uma sociedade à margem das modernidades europeias.

Transitar pelas correntes teóricas vigentes deste período, principalmente o Positivismo e o Determinismo, a fim de compreender sua influência na criação ficcional de Eça de Queirós.

Buscar compreender quais os retalhos que contribuem para esta malha ficcional e como são construídas as idéias implícitas de sua literatura- que muitas vezes conseguem tomar para si o status de realidade na leitura de uma época.

“Esse ato de escrita- como todos os outros- se por um lado implica um processo de combinação que vai amalgamando fragmentos dispersos e aparentemente desconexos até configurar o que estamos denominando ‘rostos’, por outro, resulta de um ato de seleção ou escolha de signos capazes de concentrar uma fisionomia. Por isso, poderíamos dizer que a escolha ou recolha de signos com que se escreve uma cidade vai depender, principalmente, do contorno particular com que um olhar criativo examina a cidade, esse texto desmesurado que, segundo Certeau, o enlaça e faz girar pelas ruas como um corpo ‘possuído’, jogador ou jogado, pelo rumor de tantas diferenças.”[2]

E seguindo os passos, os olhos, os possíveis pensamentos, a até mesmo o resultado literário do intelectual, enfim, suas pegadas chega-se a intenção de alcançar o rosto de sua narrativa através da fisionomia de seus personagens, e também, através de seus personagens que busca-se a clareza para as épocas das quais só restam os relatos- ou pegadas, desses criadores da realidade literária.

Metodologia

É baseado nesse sentimento diante do contato com o mundo exterior que essa geração começa a repensar a própria cultura e sociedade. Eça escreve-a, numa tentativa inicial, em *O Primo Basílio* dotado de tanta verossimilhança que chega a confundir leitores quanto à verdade de sua ficção ou a veracidade de um possível ‘raio x’ da sociedade lisboeta.

A idéia de busca pelo real- exonerando o passado e as outras tradições em detrimento da valorização à vida cotidiana- surge nas artes plásticas, inicialmente, e migra posteriormente para a Literatura. Surge como uma reação ao romantismo. E funciona como o resultado de pensamentos de uma época convencida pelo alcance à realidade através da observação, do cientificismo, e que gerou as teorias que impulsionaram estes conceitos tais como o determinismo, positivismo e darwinismo dentre outras.

“Neste romance seu foco principal é a mulher da pequena burguesia, com sua educação romântica, sua vida ociosa e sua franca aptidão para o adultério. Pobre Luísa! – personagem- símbolo de uma classe construída para ter sua intimidade vasculhada e censurada em nome da moral e da educação da doméstica mulher caseira.” [2]

Luísa nasce através das mãos de Eça já sentenciada: É a mulher que vai pecar. É ávida por romances românticos vazios e propensa ao adultério. Ela é construída para apontar à educação imperfeita e à mediocridade- bem como *Madame Bovary*.

Quando Eça decide escrever/denunciar seu tempo ele traça, por conseguinte, o perfil de Lisboa. Entretanto, Lisboa é submetida, automaticamente, a um diálogo tenso com as cidades que definem o ideal de modernidade, Londres e Paris.

A comparação é tamanha que nos textos Lisboa é descrita muito mais como a “ausência dos modernos atributos” do que possuidora das características de uma outra cidade.

“Para Eça de Queirós, o modelo intransponível de cidade moderna era Paris- a famosa ‘capital do Segundo Império’. Ser parisiense, no século XIX- para o escritor e para muitos de sua geração-, era ‘um modo de ser’, uma sensibilidade, ou como afirma Renato Ortiz, ‘uma cultura, uma visão de mundo com suas próprias categorias cognitivas’ [2]

Esse selo de inferioridade em termos de modernidade passa do perfil da cidade para o perfil dos personagens. Luísa chega a ser confundida com o protótipo de Lisboa. Seu primo Basílio- homem viajado e conhecedor das culturas modernas parisienses- reconhece nela uma mulher “sem chique”, que “não tem toilette”.

Chega a uma semelhança tão veemente entre a cidade e Luisa que o autor recorre a um processo de metonímização entre as duas silhuetas:

“Porque enfim fossem francos: que tinha ela? Não queria dizer mal da pobre senhora que estava naquele horror dos Prazeres, mas a verdade é que não era uma amante chique; andava em tipóias de praça; usava meias de tear; casara com um reles individuo de secretaria; vivia numa casinhola; não possuía relações decentes; jogava naturalmente o quino, e andava por casa de sapatos de ourelo; não tinha espírito; não tinha toilette... Que diabo! Era um trambolho!” [4]

Entretanto, isso não significa que não tenha sido de grande importância para a literatura e o pensamento portugueses. Tem seu caráter revolucionário dentro de seu contexto pois é capaz de ler a sociedade, apesar de taxativa, de forma crítica. Posteriormente os personagens de Eça ganham mais relevo e sua obra evolui dentro desta mesma visão social, como em *Os Maias*.

A escrita queirosiana renega a “arte pela arte” e tem em sua literatura a busca por retratar a realidade, a serviço da humanidade situando-se dentro do realismo.

Em *Os Maias* Eça traz uma perspectiva pessimista do país, bem como de Lisboa, seu maior alvo. Continua predominando a visão de inferioridade uma vez que em sua narrativa Lisboa esta constantemente sendo comparada a outras cidades que são consideradas mais civilizadas como Paris.

Os próprios personagens apontam para esta fraqueza ante a vida, principalmente a vida social. Os personagens são descritos como que “vencidos na vida.”

Um bom exemplo destes fatores todos são os homens de desporto. Segundo o narrador eles não conseguem nem organizar uma corrida de cavalos, pois não há nem cavaleiros nem hipódromo à altura. Além do mais, as pessoas não se vestem de acordo com a ocasião. Há todo um desprezo pelas formas da sociedade lisboeta que se traduz nos esboços de seus personagens.

Em *Os Maias*, o autor concentra mais a corrente determinista tão acreditada em seu tempo. Maria Eduarda e seu irmão Carlos da Maia são levados a se encontrarem em meio a uma cidade inteira, como se estivessem impelidos a troco de suas semelhanças um com o outro.

A obra critica com um tom de troça os costumes, esta é a forma como Eça lida com seu projeto de mudança e modernização da sociedade portuguesa. É bem verdade que ele constrói a nós, leitores, um quadro tão bem desenhado e crível que muitas vezes é possível enredar-se na verossimilhança a ponto de crer nesta em sua visão pessoal de realismo- ou de

realidade- e corre-se o risco de esquecer que este é o olhar de um homem sobre uma mar inteiro de tradições e situações.

O que faz o escritor, o intelectual, entretanto, senão seguir tendo como juiz seu próprio olhar para delatar aquilo que o sufoca ou inquieta sua mente em seu tempo?

A narrativa de Eça traz a questão da realidade como ponto de partida no mundo e ao mesmo tempo como uma visão parcial do intelectual.

Conclusão

Através da análise de textos investigou-se o contexto que fomentou as quebras e construções literárias, a construção ficcional de Eça.

A maior importância deste grupo no pensamento de sua época se dá na sua consciência em não apenas importar essa modernidade, mas transformar-se com base nos estudos dos novos pensamentos e enfim, sofrer uma real transformação.

Nunca esquecendo que a Literatura, sendo feita ou examinada, não tem necessariamente a preocupação de trazer à tona uma verdade absoluta, mas sim, um ângulo da visão do que dele se usa. Assim, ele tenta entender a complexidade no mundo através também das ficções, das criações livres de seus personagens, que tantas vezes alertam para a realidade.

Nota-se que a motivação de toda a sua literatura se deu de um contato inicial com o mundo exterior e a evolução de pensamento de um escritor que soube traduzir- todas aquelas modernidades- para seu idioma através da criação de uma nova forma de falar para seu povo e, posteriormente, para o mundo.

Referências

- FRANÇA, José-Augusto. O Romantismo em Portugal. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.
- MARGATO, Izabel. "Lisboa em Outro Tempo de Escrita" In: *Veredas*, Porto, 2002.
- MATOS, A. Campos. Dicionário de Eça de Queiroz. Lisboa: Caminho, 1993.
- QUEIRÓS, Eça de. O Primo Basílio. Lisboa. Livros do Brasil, 2000.
- . Os Maias. Lisboa. Livros do Brasil, 2000.